

Linguística Aplicada para e no Sul Global: avanços e desafios

*Applied Linguistics in the Global South:
advances and challenges*

Linguística aplicada en el Global Sur: avances
y retos

Kleber Aparecido da Silva
kleberunicamp@yahoo.com.br
<https://orcid.org/0000-0002-7815-7767>
Universidade de Brasília (UnB),
Brasília, DF / Brasil

Leketi Makalela
leketi.makalela@wits.ac.za
<https://orcid.org/0000-0001-6375-5839>
University of the Witwatersrand,
Johannesburg, Gauteng, South
Africa

RESUMO

Neste dossiê temático, com foco em pesquisas desenvolvidas através das lentes das Epistemologias do Sul (Molefi Asante, 2007; Boaventura de Sousa Santos e Meneses, 2020, Jean Comaroff e Jane Gordon, 2022; Pennycook; Makoni, 2019), pesquisadores/as do Brasil e do(s) Sul(es) Global(is) submeteram artigos, ensaios, resenhas e entrevistas a partir dos seguintes eixos: i) A política de constituição da linguagem e sua metalinguagem no(s) Sul(es) Global(is); ii) Publicações da Linguística Aplicada e na Sociolinguística do/para o Sul Global; iii) A linguagem no(s) Sul(es) Global(is) e a inscrição social da diferença; e iv) Aprendizagem, a experiência cotidiana da linguagem, educação linguística crítica e a educação de professores de línguas no(s) Sul(es) Global(is).

Palavras-chave: Linguagem, Linguística Aplicada do Sul; Raça, Gênero, Sexualidade e Classe; Educação Linguística Crítica, Perspectivas Decoloniais.

ABSTRACT

In this special issue, focusing on research developed through the lens of Epistemologies of the South (Molefi Asante, 2007; Boaventura de Sousa Santos and Meneses, 2020, Jean Comaroff and Jane Gordon, 2022; Pennycook; Makoni, 2019), researchers from Brazil and the Global South(s) submitted articles, essays, reviews and interviews based on the following axes: i) The politics of language constitution and its metalanguage in the Global South(s); ii) Publications in Applied Linguistics and Sociolinguistics from/for the Global South; iii) Language in the Global South(s) and the social inscription of difference; and iv) Learning, the everyday experience of language, critical language education and language teacher education in the Global South(s).

Keywords: Language, Applied Linguistics of the South; Race, Gender, Sexuality and Class; Critical Language Education, Decolonial Perspectives.

RESUMEN

En este dossier temático, centrado en las investigaciones desarrolladas a través de la lente de las Epistemologías del Sur (Molefi Asante, 2007; Boaventura de Sousa Santos y Meneses, 2020, Jean Comaroff y Jane Gordon, 2022; Pennycook; Makoni, 2019), investigadores de Brasil y del(los) Sur(s) Global(es) presentaron artículos, ensayos, reseñas y entrevistas basados en los siguientes ejes: i) La política de constitución del lenguaje y su metalenguaje en el(los) Sur(s) Global(es); ii) Publicaciones en Lingüística Aplicada y Sociolingüística de/para el(los) Sur(s) Global(es); iii) El lenguaje en el(los) Sur(s) Global(es) y la inscripción social de la diferencia; y iv) El aprendizaje, la experiencia cotidiana del lenguaje, la educación lingüística crítica y la formación de profesores de idiomas en el(los) Sur(s) Global(es).

Palabras clave: Lengua, Lingüística Aplicada del Sur; Raza, género, sexualidad y clase; Educación Lingüística Crítica, Perspectivas Decoloniales.

INTRODUÇÃO

Ora, a gente não tem de fazer uma crítica “decolonial”, a gente tem de fazer uma crítica contracolonial. A gente tem é de denunciar e detonar o pensamento colonial como uma coisa que se perpetua inclusive a partir da nossa própria maneira de produzir conhecimento. Ailton Krenak¹

Embora os construtos “*decolonização*” e “*Epistemologias do Sul*” se sobreponham e tenham, por vezes, sido utilizados indistintamente, neste dossiê temático da Revista Cadernos de Linguagem & Sociedade, preferimos “Epistemologias do Sul”, “Teorias do(s) Sul(es)” e/ou “Epistemologias, Ontologias e/ou Praxiologias Contracoloniais” porque o termo “de(s)colonização”, com os seus múltiplos significados, gira em torno do conceito de colonialidade, enquanto as “Epistemologias do Sul”, “Teorias do(s) Sul(es)” e/ou “Movimentos Contracoloniais” se centram na colonização, no patriarcado, no racismo, na supremacia branca e em outras formas de opressão e de preconceitos. De acordo com Makoni, Kaiper-Marquez e Mokwena (2022), existem, no entanto, diferenças sutis nas Teorias do Sul, embora, em todos os casos, as experiências das pessoas do Sul Global sejam o terreno firme sobre o qual as Teorias do Sul são (re)construídas. Para Comaroff e Comaroff (2011), a tônica principal é colocada na teoria prática dos desprivilegiados, enquanto para Santos e Meneses (2020), são as experiências subjugadas dos desprivilegiados nascidos na luta que são significativas.

Neste dossiê temático apresentamos, discutimos, exploramos e problematizamos a Linguística Aplicada do e para o Sul Global, que é um produto das Epistemologias do Sul e dos “Movimentos Contracoloniais” e um tipo de resistência ou de estudos subversivos baseados no ativismo. Na Linguística Aplicada do e para o Sul, as buscas por justiça cognitiva e social são inseparáveis. As abordagens cognitivas e sociais não são, portanto, tratadas como dicotômicas, mas sim como faces diferentes da mesma moeda. Notavelmente, a resistência da Linguística (Aplicada) do e para o Sul Global (Silva e Cobucci, 2025; Antia e Makoni, 2022; Pennycook e Makoni, 2019) é subversiva e está fundamentada em duas abordagens para a política da metalinguagem.

Por um lado, na Linguística Aplicada do e para o Sul Global, a metalinguagem que usamos é interpretada como inadequada para capturar nossas experiências de vida. A Linguística Aplicada do Sul Global, por meio de processos de apropriação, elevação, animação e povoamento, cria novas possibilidades (Nair e de Souza, 2020), realizadas por meio de uma metalinguagem fundamentada na paisagem plurilinguística de ambientes locais. O recurso à metalinguagem aumenta a legitimidade e a acessibilidade dos estudos de linguística aplicada. Por

¹ <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/ailton-krenak-nao-temos-de-fazer-critica-decolonial-e-sim-contracolonial>. Acesso em: 29 jun. 2025.

outro lado, a legitimidade pode levar a uma quebra da compreensibilidade mútua da metalinguagem na Linguística Aplicada. As Epistemologias do Sul colocam em primeiro plano a tensão que está no centro dos estudos linguísticos que, por um lado, procuram ser socialmente relevantes e, ao mesmo tempo, fazem parte da academia ocidental (Hutton, 2022).

A Linguística Aplicada do Sul Global requer, por sua vez, uma mudança na "geografia da razão" (Gordon, 2020) porque é incompatível com as noções de um campo ou disciplina. Utiliza-se de espaços de aprendizagem abertos e não configurados, ao contrário das disciplinas; assim, quando falamos sobre as possibilidades de "suleamento" da Linguística Aplicada, há uma tensão. As disciplinas carregam consigo o fardo de serem fechadas, discretas. Em particular, os acadêmicos deste "suleamento" não são antagônicos, mas sentem-se desconfortáveis com a ideia de uma disciplina que tem características não democráticas e hierárquicas. As consequências da mudança terminológica (metalinguagem) e da mudança da geografia de onde a "razão" é produzida, permitem mudanças em quem são os produtores de conhecimento e que tipos de conhecimento são vistos como legítimos. A principal diferença entre a orientação para as "Epistemologias do Sul" e/ou "Movimentos Contracoloniais" adaptada neste dossiê temático e a refletida no trabalho de Heugh et al. (2021) é que esta é sustentada por uma forte orientação pan-africanista animada pelo trabalho de Molefi Asante e pela robusta noção de Afrocentrismo e baseia-se numa gama mais ampla de estudos decoloniais, alguns dos quais têm as suas raízes nos estudos islâmicos que são frequentemente excluídos das Epistemologias do Sul e dos estudos decoloniais tradicionais (Iris, 2018).

Neste dossiê temático, com foco em pesquisas desenvolvidas através das lentes das Epistemologias do Sul (Molefi Asante, 2007; Boaventura de Sousa Santos e Meneses, 2020, Jean Comaroff e Jane Gordon, 2022; Pennycook; Makoni, 2019), pesquisadores/as do Brasil e do(s) Sul(es) Global(is) submeteram artigos, ensaios, resenhas e entrevistas a partir dos seguintes eixos: i) A política de constituição da linguagem e sua metalinguagem no(s) Sul(es) Global(is); ii) Publicações da Linguística Aplicada e na Sociolinguística do/para o Sul Global; iii) A linguagem no(s) Sul(es) Global(is) e a inscrição social da diferença; e iv) Aprendizagem, a experiência cotidiana da linguagem, educação linguística crítica e a educação de professores de línguas no(s) Sul(es) Global(is).

O DOSSIÊ EM FOCO A PARTIR DAS LENTES DO SUL²

O artigo que abre o nosso dossiê intitula-se "*Por um lugar mais ao sol para a pesquisa educacional no fazer científico da Linguística Aplicada decolonial*", de autoria dos colegas Francisco Rogiellyson da Silva Andrade, da Universidade Federal do Ceará (UFC) e Fernanda de

² Para a elaboração desta seção utilizamos os resumos enviados pelos/as autores/as que submeteram os seus artigos para apreciação/avaliação para o nosso dossiê temático.

Castro Modl, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Neste artigo, os autores defendem a pesquisa-ação educacional como método privilegiado de dialogização com geração e análise de dados ao se adotar pressupostos decoloniais em Linguística Aplicada (LA), entendida como área que se preocupa com temas transversais nos quais a linguagem é central. Por meio da adjetivação ‘educacional’ para a pesquisa-ação, os autores localizaram suas especificidades e relêmos os dados da tese de doutorado de Andrade (2024) para visibilizar o vínculo ideológico entre abordagem metodológica, problema de pesquisa e o fazer pesquisa em LA na, da e para a escola. A análise registrou que a pesquisa-ação educacional contribui e privilegia um fazer pesquisa (sempre mais) decolonial porque: i) promove o suleamento reflexivo, já que permite o despontar do comprometimento social e ideológico do professor-pesquisador; ii) transpõe discussões locais como pautas translocais; e iii) contribui para que os participantes da pesquisa se emancipem ao perceberem outros ângulos de dinâmicas antes invisibilizadas.

A seguir, Camila Cristina de Oliveira Alves e Rajabo Alfredo Mugabo Abdula, pesquisadores da Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Araraquara, com o artigo intitulado *“O legado colonial português e seus impactos linguísticos em Moçambique e Brasil”*, analisam o impacto histórico do legado colonial nas políticas linguísticas e nas práticas de linguagem em Moçambique e Brasil, com ênfase nas dinâmicas de apagamento e resistência epistêmica nos contextos pós-coloniais. A partir de uma perspectiva decolonial, os autores criticam essas estruturas de poder, que instituem regimes linguísticos, e que marginalizam as línguas africanas e indígenas em ambos os países. Em Moçambique, o uso do português como língua oficial, consolidou-se como símbolo de unidade nacional, quando na verdade funciona como ferramenta de exclusão das línguas bantu. No Brasil, a opressão histórica das línguas indígenas e africanas, que remonta à escravização e ao processo de aculturação, é um reflexo contínuo de epistemicídio, onde saberes e culturas foram sistematicamente subalternizados e desvalorizados. Os autores concluem que é urgente repensar as políticas linguísticas nos dois países, considerando a diversidade linguística como um elemento central na construção dessas sociedades, nas quais vozes historicamente marginalizadas seguem resistindo.

No terceiro capítulo intitulado *“Curadoria crítico-afetiva na RAPLE Francês: um estudo duoetnográfico”*, é de autoria de Marcella dos Santos Abreu e Laís Crepaldi Henriques, ambas pesquisadoras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), campus de Araraquara. Este artigo investiga a curadoria de materiais didáticos e o envolvimento crítico-afetivo de formadoras e licenciandos de francês, participantes de projeto de extensão da UNESP, câmpus Araraquara-SP. Fundamentado na pedagogia freiriana ([1968], 2019), no pós-método (Kumaravadivelu, 1994, 2003, 2006) e nos letramentos crítico-afetivos (Kawachi; Rocha; Maciel, 2022), o estudo visa analisar como a curadoria de materiais, no âmbito daquela ação extensionista, transforma a formação de professores, integrando criticidade e afetos em suas práticas e reflexões. Metodologicamente, adota a duoetnografia (Norris; Sawyer; Lund, 2012;

Morgan; Rocha; Maciel, 2021) para justapor as vozes das autoras, com diálogos que problematizam o processo de seleção e criação de recursos educacionais para a educação linguística em francês, sob perspectiva suleada. Vislumbram-se, como resultados, que as escolhas e os saberes do Sul implicados nas experiências narradas são potentes para a produção de conhecimentos situados, que possibilitem a transformação do percurso formativo de docentes de língua francesa no interior paulista.

No quarto artigo, sob à luz da perspectiva da educação linguística crítica (Tilio; Rocha, 2024), da decolonialidade (Maldonado-Torres, 2018; Walsh, Oliveira; Candau, 2018), do sulear (Silva Júnior, 2022) e de uma adaptação do conceito de "brechas" (Duboc, 2014), Patrícia Helean da Silva Costa, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Lucia Rosado Barcia, da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME-RJ) e da Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC-RJ), com o artigo intitulado "*Educação linguística crítica por meio de práticas suleares no ensino de língua inglesa com crianças: educando pelas 'brechas' do Material Rioeduca*", as autoras analisam um excerto de uma unidade didática do Material Rioeduca de Língua Inglesa para o 5º ano do Ensino Fundamental, de 2023, utilizado em escolas públicas da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. Embora a análise do material evidencie uma valorização do Sul Epistêmico, o caráter do Norte Global se faz presente em determinadas referências acerca da cidade do Rio de Janeiro. Diante deste cenário, busca-se SULEar o ensino de língua inglesa por meio de propostas de atividades desenvolvidas em uma turma do 5º ano com o objetivo de problematizar o caráter ideológico que NORTEia o material didático em questão

A seguir, Rachael Annelise Radhay, da Universidade de Brasília, com o artigo intitulado "*Discursive ecology in southsouth immigration: re-scaling language in two decades*", examina o papel e o perfil do controle migratório brasileiro no tocante à securitização, aos regimes de conhecimento, à criminalização, à inclusão social de imigrantes, ao deslocamento, à (im)mobilidade mediante documentos institucionais. Segunda a autora, a mobilidade humana não é isenta de procedimentos avaliativos em que existe um olhar cuidadoso na legitimação de valores e de verdades (topoi) no tocante à ecologia discursiva na territorialização do estado-nação brasileiro. O espaço é situado em um quadro linguagem-ideologia. Neste sentido, a mobilidade é uma trajetória por espaços estratificados e controlados. O território discursivo exige o pensamento crítico já que a imigração institucional e os sistemas regulatórios não são atadas a questões humanitárias, mas a regimes de mobilidade em que a vida urbana se torna um processo de deslocamento e de inserção (não-) estruturada ou (não-) escalonada. As fronteiras nacionais precisam ser repensadas em relação a rótulos estabelecidos para imigrantes e refugiados

No artigo sexto, "*Práticas de racioletramento na experiência escolar de crianças haitianas na educação básica brasileira*", de autoria da pesquisadora Caroline Vieira Rodrigues, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a autora traz para o centro do debate ideologias

de linguagem, racialização e letramento a partir dos relatos de uma docente e das experiências compartilhadas com duas crianças haitianas em contexto de recepção escolar de migrantes. Alinhada a uma visão crítica e emancipatória da Linguística Aplicada (Fabrício, 2006; Moita Lopes, 2006; Santos; Jung; Silva, 2019), a autora objetiva problematizar como propostas pedagógicas podem ser pautadas em ideologias raciolinguísticas em contexto de escolarização de migrantes, o que resulta em práticas de letramento orientadas pela dimensão racial da leitura e da escrita, definidas como racioletramento (Rodrigues, 2023). Também nesse cenário, com base em princípios de interculturalidade (Maher, 2007) e translinguagem Ubuntu (Makalela; Silva, 2023), a autora apresenta caminhos possíveis para propor práticas de racioletramento intercultural, que oportunizem a valorização dos repertórios das crianças haitianas, a validação da translinguagem e a construção relações menos hierárquicas na educação básica brasileira.

André Marques do Nascimento, da Universidade Federal de Goiás (UFG), com o artigo intitulado “*Educação linguística no (sul do) Sul Global: percurso praxiológico de uma experiência situada de formação de docentes indígenas*”, apresenta o percurso praxiológico de uma experiência de formação docente indígena no curso de Educação Intercultural da UFG, no campo da educação linguística intercultural. O pesquisador busca demonstrar, a partir desta experiência, como docentes indígenas se apropriam não só das práticas comunicativas em língua portuguesa, como, neste processo, instituem regimes metadiscursivos insurgentes, que subvertem estruturas geradas pelo colonialismo, indexicalizando a língua portuguesa como arma para defesa de direitos. Neste enquadre, o pesquisador argumenta que tais experiências e reflexões podem contribuir com perspectivas do Sul para a Linguística Aplicada, ao trazer para o centro de suas teorizações e práticas vivências e lutas dos povos originários.

O oitavo artigo intitula-se “*Foreign language teaching and LGBTQIA+ identities: a literature review from a Southern perspective*”, e é de autoria do pesquisador Danilo da Silva Solera, da Universidade de São Paulo (USP) e apresenta uma revisão crítica de literatura dos principais estudos que discutem a relação entre o ensino de línguas estrangeiras e as identidades LGBTQIA+. O artigo está dividido em duas partes: a primeira parte o autor apresenta os principais tópicos e conceitos para a pesquisa na área de ensino de línguas e sexualidade, enquanto a segunda parte o autor destaca os principais desafios e conceitos das pesquisas nesta área que visam ter uma perspectiva do Sul.

O nono artigo, “*Decolonizing English Language Teaching with Literature in a course at a Federal University in Bahia*”, de autoria de Fernanda Mota, da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Ao longo de suas experiências de ensino, a autora tem enfatizado a necessidade de incorporar a concepção de educação linguística de língua inglesa (Decolonialidade e[m] Linguística Aplicada, 2022; Pessoa et al., 2020) em suas aulas em uma mirada decolonial. Em direção a uma proposta afinada com pedagogias decoloniais (Walsh, 2018; Oliveira, 2028; Pessoa et al., 2020; Mota-Pereira, 2024), a autora ministrou aulas em um componente de língua inglesa

na Universidade Federal da Bahia e decidiu colocar essas teorias em prática, utilizando, entre outros materiais, textos literários. Proporcionou aos alunos não apenas oportunidades de estudar uma língua sob uma perspectiva não hegemônica, mas também de expandir seu pensamento crítico sobre questões sociais, raciais e de gênero no Sul Global. Neste artigo, a autora analisa, autoetnograficamente (Ifa; Moura, 2019; Pereira, 2020), aulas e experiências nesse componente curricular.

Eduardo Fernando Francini, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com o artigo intitulado “*A formação docente em serviço a partir do lugar caótico do não saber*”, discute a metodologia da emergência pós-moderna apresentada pela Profa. Margaret Jean Somerville (2007; 2008), com foco em potenciais usos de suas premissas no planejamento de formações em serviço para professores da Educação Básica. Ao propor uma abordagem que valoriza processos não-lineares e criativos, o autor ressalta que a metodologia da emergência preconiza o surgimento e a resignificação de saberes através da interação entre diferentes modos de representação e perspectivas epistemológicas. Com bricolagens intertextuais, o autor analisa as implicações desta proposta multimodal que enfatiza o processo corporificado de tornar-seoutro-para-si-mesmo (Somerville, 2008) e advoga por uma formação docente em serviço de(s)colonial (Mignolo, 2003, 2008) a partir da assemblagem das diferentes formas de representação dos saberes sobre as práxis docentes, nas quais o conhecimento é autobiográfico, local e total, inserido em um contexto históricosocial e, sobretudo, que visa tornar-se senso comum (Santos, 2008) - abraçando de modo intencional esse lugar caótico do não saber.

Souzana Mizan, da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e Daniel de Mello Ferraz, da Universidade de São Paulo (USP), com o artigo intitulado “*Visualizing Resistance: Between Hamas Violent Hostage Liberation Scenes and Palestinian Citizens’ Narratives on Instagram During the Gaza Conflict*”, investigam as estratégias visuais empregadas por cidadãos palestinos em meio ao contínuo conflito israelo-palestino, com foco nas maneiras pelas quais o Instagram é utilizado para desafiar narrativas midiáticas hegemônicas que destacam predominantemente cenas violentas de libertação de reféns. Com base nas epistemologias do Sul (Sousa Santos, 2018), a análise realizada pelos autores destaca semióticas visuais enraizadas localmente que transmitem as experiências vividas pelos cidadãos de Gaza. Por meio da etnografia digital visual e do letramento visual (Mizan; Ferraz, 2021), o estudo revelou como esses materiais audiovisuais promovem uma perspectiva decolonial, subvertendo as representações da mídia ocidental e amplificando as vozes de comunidades marginalizadas. Esta pesquisa, em última instância, contribui para a subleação da Linguística Aplicada ao dar centralidade a discursos visuais alternativos que desafiam a mercantilização colonial e capitalista da região e reafirmam narrativas locais de resistência.

“*Libras e inclusão digital para pessoas Surdas: uma análise das práticas tecnológicas e linguísticas no contexto do Sul Global*” é o título do artigo de Gláucio Castro Júnior, Gildete da S.

Amorim Mendes Francisco, da Universidade Federal Fluminense (UFF), Daniela Prometi, da Universidade de Brasília (UnB), e de Neemias Gomes Santana, da Universidade de Brasília (UnB). Neste artigo, os autores investigaram a relação entre a Língua de Sinais Brasileira (Libras), a tecnologia digital e a inclusão de pessoas Surdas no contexto do Sul Global. A partir de uma abordagem interdisciplinar, os autores analisaram o impacto de práticas tecnológicas e linguísticas na promoção da acessibilidade em plataformas digitais e ambientes educacionais. Para tal intento, os autores realizaram uma revisão crítica das práticas de inclusão digital, com ênfase nas tecnologias assistivas e nos recursos digitais como instrumentos de equidade. Exploraram o uso da Libras em ambientes virtuais, avaliando sua eficácia na comunicação e no aprendizado de Surdos. A análise abordou políticas públicas e práticas educacionais voltadas à inclusão, destacando desafios e oportunidades no acesso a conteúdos e serviços online. E no final do artigo os autores propuseram práticas digitais e educacionais mais inclusivas e sensíveis à diversidade linguística, promovendo justiça social nas Humanidades Digitais.

O décimo terceiro artigo, *“Learning English in the Amazon region of Brazil: corpovivências of Youth and Adult Education students”*, é de autoria de Ricardo Regis de Almeida, da Universidade Federal do Pará (UFPA), e visa problematizar as corpovivências de quatro estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no contexto das nossas aulas de inglês realizadas em 2023, em um Instituto Federal localizado no Oeste do Pará, Brasil. Este estudo qualitativo é pautado pelos princípios da pesquisa crítica em educação (linguística). O material empírico analisado foi gerado durante uma sequência de aulas de inglês com duas turmas distintas de um curso técnico de Informática integrado ao ensino médio. As aulas ocorreram nos dias 10 e 17 de outubro e foram organizadas a partir da interação das/os estudantes com a animação Mary e Max (2009), que serviu como catalisador para discussões sobre identidade, pertencimento e desigualdades sociais/raciais. Como resultado, o estudo ajudou as/os estudantes a reconhecer que o inglês pode servir como meio para compreender criticamente tanto a si mesmas/os quanto sua cidade, ÓbidosPA, destacando, assim, a importância de uma abordagem corporificada para o ensino de línguas.

Igor Diniz Pereira, João Vitor Gomes de Oliveira, Bruna Oliveira Braz e Vera Lúcia Lopes Cristovão, pesquisadores da Universidade Estadual de Londrina (UEL) com o artigo intitulado *“Futuro Ancestral: Metalinguagem e intertextualidade na construção do discurso contra-hegemônico”*, objetivam analisar criticamente o conceito e sua rede de significações, com base nas categorias de intertextualidade temática e explícita (Dias, 2017; Koch et al., 2008) e estratégias discursivas de metalinguagem (Leite, 2006), enfatizando a necessidade de questionar, resistir e desconstruir discursos hegemônicos. Por fim, os autores ressaltam a resistência afroindígena, buscando incorporar metalinguagem e suas significações na atuação da Linguística Aplicada do Sul Global.

O décimo sexto artigo intitula-se “*Gender stereotypes and critical language education*”, e de autoria de Anthony Sátiro de Araújo, Inês Cortes da Silva, Rafaela Virginia Correia da Silva Costa e Paulo Boa Sorte, pesquisadores/as da Universidade Federal de Sergipe (UFS), e visam analisar uma proposta de educação linguística crítica, examinando a relação entre estereótipos de gênero no contexto dos Sul(s) Globais e sua articulação com (de)colonialidades em planos de aula elaborados por participantes de um curso de formação de professores de inglês no nordeste do Brasil, voltado ao uso de realidade aumentada. A proposta integrou o ensino do *Simple Present* a discussões sobre desigualdade de gênero, conectando o tópico gramatical convencionalmente abordado nos livros didáticos às práticas sociais cotidianas dos estudantes. Sob a perspectiva da educação linguística crítica, autores defendem a tese de que é essencial repensar os papéis das línguas em diferentes contextos, reavaliando repertórios epistemológicos e práticas pedagógicas que estimulem a transdisciplinaridade e a produção de conhecimento crítico. Os resultados demonstram como a integração de questões sociais ao ensino de línguas incentiva reflexões e fortalece o engajamento dos estudantes, contribuindo para a consolidação de uma educação linguística crítica.

O décimo sétimo texto é o ensaio intitulado “*Evangélicos e Extrema Direita no Brasil: associação entre o discurso populista e o fundamentalismo religioso*”, de Júlio Araújo e Wesley Vieira, pesquisadores da Universidade Federal do Ceará (UFC). O ensaio teve como objetivo investigar a articulação entre o discurso populista de extrema direita e o fundamentalismo religioso de base evangélica no Brasil, a partir da análise textual de uma cenografia discursiva de Jair Bolsonaro em discurso direcionado aos evangélicos. Fundamentado na teoria do discurso populista de extrema direita (Charaudeau, 2016) e adotando uma abordagem interpretativista, os autores examinam como a linguagem contribui para a construção de imaginários que promovem a cooperação entre esses discursos. Os resultados evidenciam a forte presença de três imaginários centrais: o de “vitimização”, que reforça uma identidade de grupo ameaçada; o de “satanização” dos culpados, que designa inimigos a serem combatidos; e o do “salvador providencial”, que atribui a Bolsonaro a missão de redenção nacional. A análise demonstrou que esses imaginários são amplificados pelo contexto de transição religiosa com crescimento exponencial da população evangélica

A seguir, Danilo da Conceição Pereira Silva, do Instituto Federal de Alagoas (IFAL), com o ensaio intitulado “*(Geo)políticas do conhecimento, racismo, privilégio e justiça epistêmica na Linguística Aplicada do Brasil*”, analisa criticamente as (geo)políticas do conhecimento na Linguística Aplicada brasileira, destacando os efeitos dos racismos nas políticas acadêmicas da área. A partir de teorias críticas do Sul Global (Pennycook; Makoni, 2019), com ênfase na produção de intelectuais latinos e afroindígenas brasileiros, aciona conceitos como dispositivo de racialidade (Carneiro, 2023), racismo epistêmico e justiça epistêmica (Orocó, 2021) e a crítica contra-colonial à institucionalização do conhecimento (Santos, 2023). Assim, o autor investe na

exploração interpretativa de algumas políticas do conhecimento correntes no campo, a partir da observação de políticas de inclusão/exclusão nos domínios linguístico, editorial e institucional e das paisagens raciais, regionais e de classe delas decorrentes. A proposição final do texto enseja uma ruptura com a racionalidade colonial que vá além das agendas de temas de pesquisa, defendendo uma ética acadêmica inspirada na epistemologia de Xangô, visando enfrentar as injustiças epistêmicas presentes.

Suzana Vinicia Mancilla Barreda, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), mediante a narração de uma experiência pessoal, expõe a importância da perspectiva individual para a compreensão dos fenômenos sociais mais amplos como as relações entre língua, cultura e poder no ensaio intitulado “*Ella habla enredado como tú Ela fala enrolado como você She speaks all mixed up, like you*”. Tendo como ponto de partida uma epígrafe que relata “situações migrantes” em percursos realizados entre a Bolívia e o Brasil, a autora experimenta diferentes “ilhas” linguísticas e culturais que moldam as identidades em contexto de vivência plural e recuperar experiências em um texto autobiográfico, como meio de evidenciar os contextos escolares e sociais, recheados de histórias de vida.

Júlio Araújo, pesquisador da Universidade Federal do Ceará e do CNPq, faz uma resenha do livro “*Colonialismo digital: por uma crítica hacker-fanoniana*”, de autoria de Deivison Faustino e Walter Lippold, publicado pela Editora Boitempo, em 2023. Para Júlio Araújo, esta obra examina a perpetuação das lógicas coloniais na era digital, ostrando como a extração de dados e a inteligência artificial (IA) atualizam formas históricas de exploração. Inspirados em Frantz Fanon, os autores do livro argumentam que o racismo algorítmico e o extrativismo digital operam como mecanismos contemporâneos de dominação, consolidando um colonialismo de dados que reforça desigualdades globais. A obra analisa a influência das big techs, o papel da IA e os impactos da vigilância algorítmica sobre populações racializadas. Além da crítica, Faustino e Lippold propõem estratégias de resistência inspiradas no hacktivismo e em modelos alternativos de tecnologia. O livro se destaca por integrar perspectivas marxistas, anticoloniais e tecnopolíticas, desafiando a crença na neutralidade das infraestruturas digitais. Trata-se de uma leitura fundamental para quem busca entender a interseção entre tecnologia, racismo e capitalismo digital e refletir sobre caminhos para a descolonização do futuro digital.

Mércia Regina Santana Flannery, sociolinguista que atua na Universidade da Pennsylvania/EUA, faz uma resenha do livro “*Decolonizing the Internationalization of Higher Education in the Global South: Applying Principles of Critical Applied Linguistics*”, organizado por Kleber Aparecido da Silva e Lauro Sérgio Machado Pereira, e que foi publicado pela Editora Routledge em 2023. Para os autores, os processos de internacionalização da educação há muito que refletem hegemonias e privilégios globais, orientando frequentemente os acadêmicos do Sul Global para instituições do Norte Global. Em teoria, estas oportunidades destinam-se a melhorar as qualificações dos indivíduos do Sul Global e a aumentar as suas hipóteses de emprego ou de

contribuições significativas nas suas áreas, dentro das suas instituições de origem. Em *Decolonizing the Internationalization of Higher Education in the Global South* (2023), Silva e Pereira compilam catorze capítulos de acadêmicos do Sul Global que 1) examinam criticamente estes programas de internacionalização; 2) defendem abordagens contextualmente mais relevantes e eficazes; e 3) enfatizam a importância das línguas, culturas e realidades vividas localmente.

E para finalizarmos o dossiê temos uma entrevista feita por Kleber Aparecido da Silva e Vinícius Santiago, ambos da Universidade de Brasília (UnB), com a pesquisadora e intelectual decolonial Catherine Walsh. Amplamente conhecida por seu trabalho pioneiro com abordagens decoloniais, a pesquisadora Catherine Walsh generosamente aceitou o nosso pedido em fazer esta entrevista escrita, que está dividida em duas partes. Primeiro, pretendemos aprofundar os fundamentos filosóficos e as motivações que guiaram a sua ilustre carreira, oferecendo aos nossos leitores/as deste dossiê um olhar aprofundado sobre as forças que moldam a sua investigação e as suas posições teóricas. A seguir lugar, procuramos inspirar a próxima geração de pesquisadores/as do Sul Global, partilhando as suas ideias sobre como navegar nas complexidades da investigação interdisciplinar, a evolução das suas perspectivas teóricas e a sua visão para o futuro.

CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS

A partir de uma reflexão crítica e até certo ponto “contracolonial” dos artigos, ensaios, resenhas e entrevista que fazem parte deste dossiê temático, nos indagamos: Que “Sul Global” é esse a que nós linguistas aplicados nos referimos? Percebemos, sentimos e vivenciamos, nas nossas experiências tanto no Brasil quanto em África - pois os dois editores deste dossiê são brasileiros e sul-africanos - um movimento que tem sido caracterizado na literatura acadêmico-científica como “Sul Global” (Global South), que se alinhava a uma perspectiva decolonial ou contracolonial de (re)construção e disseminação dos conhecimentos e dos saberes.

O linguista aplicado (crítico) indiano-brasileiro Kanavillil Rajagopalan, da UNICAMP, nos sinaliza e nos alerta de que o colonialismo foi muito mais do que um capítulo macabro na história da humanidade, ao longo do qual um grupo de nações europeias se auto outorgaram o direito de se lançar numa aventura predatória rumo a distantes povos da África, Ásia e América Latina, submetendo-os a inomináveis iniquidades e humilhações, sugando impiedosamente suas riquezas e deixando-os na penúria e total desamparo. O colonialismo tomou conta da mente dos povos (e adiciono também da mente de muitos linguistas aplicados, sociolinguistas e educadores/as) dentro do regime de escravatura,

ainda que muitas vezes disfarçado com outros nomes e eufemismos engenhosos, ao qual os conquistadores os submeteram na sua incansável procura por bens alheios, movida pela ganância e pelo delírio desmedido de sua suposta superioridade moral e intelectual. E a sequela mais gritante e danosa dessa lavagem cerebral à qual os povos dominados foram submetidos leva o nome de colonialidade.

Contudo, Tânia Rezende, pesquisadora cerradeira de Sociolinguística, com ênfase em Cosmolinguística, afirma que a “(...) manutenção da geopolítica do conhecimento, com as atualizações contemporâneas, no tensionamento polarizado de resistência, entre a colonialidade e a decolonialidade do poder, emerge desta enunciação metafórica Norte Global e Sul Global”. Essa enunciação metafórica, segundo Rezende, continua sustentando a mentalidade moderna colonial, (i) ao bipartir o mundo em Norte e Sul, (ii) ao localizar no Sul Global, principalmente, os povos saqueados, pilhados, subalternizados e empobrecidos pelo Norte Global, e (iii) ao criar outras invisibilidades, outras raças, espécies, outros tipos e por definir e determinar filiações, que são os fundamentos do neoliberalismo (Mbembe, 2018).

Sendo assim, a nosso ver, a política de Estado para a educação escolar é neoliberal, do mesmo modo, ancorada na razão moderna, sustentada nas ideologias cristãs, coloniais escravagistas: é salvacionista, adaptativa e meritocrática; é tolerante, exige capacidade de superação e resiliência, sempre do/a diferente, sempre o/a outro/a. Sem condições adequadas de trabalho, os/as trabalhadores/as da educação se viram com gambiarras, como o suborno pedagógico. Entretanto, uma pedagogia freireana alicerçada na “pedagogia da autonomia”, “pedagogia do esperar”, e com uma compreensão horizontalizada e verticalizada das pedagogias das opressões e das violências, sejam elas físicas, mentais e/ou simbólicas, em diálogo na “educação inter/transcultural e no bilinguismo epistêmico, nos aponta possibilidades de acolher outras realidades educativas para abertura a outros mundos, outras cosmopercepções, com a generosidade do compartilhar saberes, sentimentos e espiritualidades em línguas diversas, em coaprendizagens, rumo à intercompreensão”.

O que apresentamos, problematizamos e defendemos nesta Apresentação, corroborando com Rezende (no prelo), “é que nós não estamos no centro do mundo que a colonialidade maniqueísta inventou, tampouco estamos nas suas periferias ou margens”. Conforme Rezende (no prelo) em uma mesa-redonda que estivemos juntos na UNIJUI, “(...) não nos situamos também no Sul Global que a decolonialidade, ainda maniqueísta, contrainventou, porque nos situaram nas margens ou nas periferias desse polo, mas nós não aceitamos esse lugar. Quem enuncia cria o lugar e posiciona os corpos nos lugares. Nós não enunciemos os lugares, mas não aceitamos que nossos corpos sejam posicionados pelos/as enunciadores/as dos lugares. As

referências, de onde nós estamos tirando essas ideias e as posturas que as sustentam, vêm das vozes (...) de nossa ancestralidade cerradeira, que merecem respeito”.

Em síntese, a partir da nossa postura epistemológica e ontológica, para compreendermos a (inter)relação entre Linguística Aplicada e o Sul Global, precisamos compreender que: i) “Sul Global” não é apenas uma definição geográfica, mas geopolítica, cultural e epistêmica; ii) “Sul Global” é um lugar discursivo, um lugar de produção de conhecimentos, plural e diológico; iii) “Sul Global” não é só o “Brasil”, nem o “Brazil”, mas sim os “Brasis” – comunidades que foram colocadas e se mantêm à margem pela ausência de políticas públicas e políticas educacionais, a partir de diálogos e de pesquisas propositivas, plurais e críticas, visando escutar atentamente estas comunidades, mentes e corpos que foram subalternizados e/ou perifерizados, como por exemplo, surdos/as, indígenas, imigrantes em crise e/ou negros/as. Que esta nova forma de (re)pensar e de (re)agir na Ciência da Língua(gem) possa ser a mola propulsora e/ou basilar pelos nossos pares na e fora das Instituições de Ensino Superior, pois precisamos fazer mais pesquisas “com” o Sul Global e “não mais sobre” o Sul Global. E para tal intento, precisamos de (re)pensar glocal e agir global.

REFERÊNCIAS

- Antia, B., & Makoni, S. (Eds.). (2022). *Southernizing sociolinguistics*. Routledge.
- Asante, M. K. (2007). *The Afrocentric manifesto: Toward an African renaissance*. Ungai Books.
- Comaroff, J., & Comaroff, J. (2015). *Theory from the South: Or, How Euro-America is evolving toward Africa*. Routledge.
- Comaroff, J., & Gordon, J. (2022). Interlude. In S. Makoni, A. Kaiper-Marquez, & L. Mokwena (Eds.), *Language in the Global South/s*. Routledge.
- Connell, R. (2007). *Southern theory: Social science and the global dynamics of knowledge*. Polity.
- Deumert, A., & Makoni, S. (Eds.). (Under review). *From southern theory to decolonising sociolinguistics*.
- Gordon, L. (2020). *Freedom, justice, and decolonization*. Routledge.
- Heugh, K., Stroud, C., Taylor-Leech, K., & De Costa, P. I. (Eds.). (2021). *A sociolinguistics of the South*. Routledge.
- Hutton, C. (2023). Can there be a politics of language? Reflections on language and metalanguage. In B. Antia & S. Makoni (Eds.), *Southernizing sociolinguistics*. Routledge.

Iris, M. (2018). *War for peace: Genealogies of a violent ideal in western Islamic thought*. Oxford University Press.

Riemer, N. (2020). *African Studies Global Virtual Forum*.

Makoni, S., Kaiper-Marquez, A., & Mokwena, L. (Eds.). (2022). *Language in the Global South/s*. Routledge.

Mbembe, A. (2018). *O fardo da raça: Entrevista com Achille Mbembe a Arlette Fargeau e a Catherine Portevin*. Trad. Sebastião Nascimento. *Philosophie Magazine*. Repasse. Edições Org, N. 1.

Nair, R. B., & deSouza, P. R. (Eds.). (2020). *Keywords for India: A conceptual lexicon for the 21st century*. Bloomsbury.

Pennycook, A., & Makoni, S. (2019). *Innovations and challenges to applied linguistics from the Global South*. Routledge Press

Rezende, T. (no prelo) *Tensionando a razão moderna colonial escravagista (...)*

Santos, B. de S., & Meneses, M. P. (Eds.) (2020). *Knowledges Born in the struggle: Constructing the epistemologies of the Global South*. Routledge.

Silva, K. A.; Cobucci, P. (Orgs) (2025). *Perspectivas decoloniais nos estudos da linguagem*. Campinas, SP: Mercado de Letras.

Smith, L. T. (1999). *Decolonizing methodologies: Research and Indigenous peoples*. Zed Books.

Como citar:

SILVA, Kleber Aparecido da Silva; MAKALELA, Leketi. Linguística Aplicada para e no Sul Global: avanços e desafios. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, Brasília, v. 26, n. 1, p. 7-21, jan./jun. 2025. Disponível em: . Acesso em: XXX.

Correspondência:

Nome por extenso do autor principal

Rua XXX, número XXX, Bairro XXX, Cidade, Estado, País.

Direito autoral:

Este artigo está licenciado sob os termos da Creative Commons Attribution 4.0 International license

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

